

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KAROLAYNE ROBERTA SILVA

AS MÚLTIPLAS FACES DE SER UMA MULHER NEGRA:
IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA

ITUIUTABA
2025

KAROLAYNE ROBERTA SILVA

**AS MÚLTIPLAS FACES DE SER UMA MULHER NEGRA:
IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências do curso de graduação em Ciências Biológicas – Modalidade Licenciatura, do Instituto de Ciências e Natureza do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Welson Barbosa Santos

**ITUIUTABA
2025**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2025	Silva, Karolayne Roberta, 1999- AS MÚLTIPLAS FACES DE SER UMA MULHER NEGRA: [recurso eletrônico] : IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA / Karolayne Roberta Silva. - 2025. Orientador: Welson Barbosa Santos . Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Biológicas. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. 1. Biologia. I. , Welson Barbosa Santos, 1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título. CDU: 573
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

KAROLAYNE ROBERTA SILVA

**AS MÚLTIPLAS FACES DE SER UMA MULHER NEGRA:
IDENTIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado(a) em Ciências
Biológicas.

Ituiutaba, 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Breno Rafael da Costa
Universidade Federal de Uberlândia -

Prof. Dr. Milton Antonio Auth
Universidade Federal de Uberlândia -

Prof. Dr. Welson Barbosa Santos
Universidade Federal de Uberlândia - ICENP

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudo, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desistir e me deu forças para prosseguir com o meu sonho.

A minha mãe, Carina, que sempre fez de tudo que conseguiu para que eu pudesse estudar, por me apoiar e acreditar em mim, me incentivando a sempre continuar e, assim, lutou comigo para que fosse possível esse trabalho e foi esse apoio que me ajudou a permanecer na faculdade. Gratidão ao meu esposo, Allysson, por ouvir incansavelmente os meus desabafos e anseios e por acreditar em um potencial no qual nem eu acreditava. Agradeço a minha irmã, Mikaellen, que sempre me encorajou e torceu para o meu sucesso.

Agradeço a minha prima, Joyce, que sempre esteve ao meu lado me dando apoio e ajudando na escrita desse trabalho, que sempre me incentivou a ingressar em uma universidade. Agradeço por compreenderem a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a graduação e a este trabalho.

Por fim, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos os meus professores, pois tive a oportunidade de adquirir conhecimentos essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Em particular, faço um agradecimento especial ao Professor Dr. Welson Santos, que também é meu orientador. Quero manifestar minha gratidão e reconhecimento pela chance de aprender sob sua orientação. Agradeço pelos valiosos conselhos, pelo incentivo constante em minha jornada e, principalmente, por acreditar em mim, motivando-me a seguir em busca dos meus objetivos acadêmicos.

RESUMO

Este é um trabalho que busca analisar as dinâmicas de poder que subjagam as mulheres negras, indo além. O desafio é trazer vários contextos que desmerecem a mulher no século XXI, destacando sua resistência e resiliência frente às adversidades. Ao integrar as contribuições de vários autores, a pesquisa busca uma perspectiva mais ampla das lutas das mulheres negras e o que são identidades, ressalta a importância de um debate que vai para além do comum, adentra ao campo das grandes mulheres, de “bruxas” a pesquisadoras. De perfil qualitativo, o trabalho ensaia acerca dos debates que O Grupo de Pesquisa Educação, Masculinidade, Cultura e Subjetividade (GPEMCS) desenvolve, focado em um debate sobre a maneira como o corpo da mulher é percebido e categorizado. O trabalho se insere no campo das Ciências Humanas, adotando um perfil descritivo e fortalecido por teóricos como Michel Foucault, Stuart Hall e Rosa Maria Bueno Fischer.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Docilização. Poder. Resistência.

ABSTRACT

This is a work that seeks to analyze the power dynamics that subjugate black women, going beyond that. The challenge is to bring together several contexts that devalue women in the 21st century, highlighting their resistance and resilience in the face of adversity. By integrating the contributions of several authors, the research provides a broader perspective of the struggles of black women and what identities are, highlighting the importance of a debate that goes beyond the ordinary, entering the field of great women, from “witches” to researchers. With a qualitative profile, the work essays on the debates that the Education, Masculinity, Culture and Subjectivity Research Group (GPEMCS) develops, focused on a debate about the way in which the female body is perceived and categorized. The work is part of the field of Human Sciences, adopting a descriptive profile and strengthening it by theorists such as Michel Foucault, Stuart Hall and Rosa Maria Bueno Fischer.

Keywords: Black Women. Docility. Power. Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PRESSUPOSTO.....	10
2.1 Objetivos Gerais.....	10
2.2 Objetivos Específicos.....	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
4 CAPÍTULO I.....	12
4.1 Memória, identidade e resistência: explorando os sentidos da arte.....	12
5 CAPÍTULO II.....	15
5.1 Questões de identidade na modernidade tardia.....	16
5.2 Biologia, mulher e sociedade: um desafio disciplinar e interdisciplinar.....	23
6 CAPÍTULO III – MULHERES: BRUXAS, LOUCAS, CIENTISTAS E PROFESSORAS.....	24
6.1 A mulher bruxa.....	24
6.2 Mulheres professoras, cientistas, e... o que quisermos ser.....	26
6.3 O cinema como possibilidade de enfrentamento ou.....	27
6.4 A mulher cientista.....	28
6.5 Simplesmente mulher em todos os espaços.....	31
6.6 A mulher louca.....	33
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	33
8 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A minha história começou no dia 14 de junho do ano de 1999, na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, onde nasci, mas como mulher, isso é um pouco antes, né? Ainda no útero. Na minha infância, fui criada por minha mãe, Carina, que é mãe solo. Educou a mim e mais duas irmãs mulheres. É claro que, como boa brasileira, em muitos momentos enfrentou dificuldades, exatamente por ser mulher negra e mãe solteira. Apesar das dificuldades em nos educar, ela nunca mediu forças para que pudéssemos ingressar em uma universidade. A questão é que, por não ter condição financeira adequada, sempre estudei em escolas públicas.

Assim, para superar falhas, quando estava no final do Ensino Médio, eu comecei a fazer um cursinho pré-vestibular na UFU- *Campus* Pontal e, logo após o término, prestei o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) e obtive pontuação suficiente para alcançar uma vaga na Universidade Pública. Assim, iniciei a minha graduação na Universidade Federal De Uberlândia – *Campus* Pontal. Durante esse processo de graduação, a disciplina de Corpo Gênero e Sexualidade foi a que me confrontava e desafiava a perceber e entender o meu lugar na sociedade, compreender que sou “mulher negra não retinta”. Nesse contexto, as coisas faziam sentido, as dificuldades de minha família, o compreender os discursos que por vezes me atravessavam e deixavam marcas de subalternização.

Na memória, contextualizar essas experiências vindas da minha infância é o que me ajudou no melhor entendimento de quem sou. Lembro que, quando criança, eu sempre praticava capoeira, mas nunca dei sentido ao meu apelido – nome de batismo – vassourinha. O porquê? por causa do meu cabelo crespo. Naquilo havia algo que me deslocava das outras meninas. Não sei se por isso, mas aos 8 anos de idade decidi que queria alisar o meu cabelo. O efeito de um discurso subjetivado que, de lá para cá, nunca mais deixei o meu cabelo natural. Reconheço que o discurso no qual o cabelo bonito é liso, me atravessou de uma maneira muito dolorosa na minha infância.

Outro momento importante veio na disciplina de Relações Étnico Raciais. Naquele semestre se deu o meu interesse pelas relações de identidades negras e, em especial, de mulheres negras, pelo aprofundar discussões do tema. Ademais, comecei a perceber nas minhas relações o quanto o racismo estava presente e, assim, continuei buscando perceber contextos de quem eu era e que fui envolvida. Dessa forma, entendo que na verdade eu tinha resistência em entender a minha raça, porque no fundo eu sabia que ser mulher negra

em uma sociedade marcada por séculos de opressão racial e patriarcado, é um desafio diário a ela que se manifesta de várias formas, no desafio de colocar-se como igual.

Afirmo que isso não foi estanque, ali, naquele momento, porque desde a infância, comigo e com as demais, as mulheres negras são socializadas em um contexto de invisibilidade e estigmatização, sendo frequentemente reduzidas a estereótipos que desumanizam sua identidade e sua trajetória, numa produção de mulher objeto em múltiplos sentidos. As dificuldades começam na maneira como são representadas nas mídias, na política e na cultura, e se estendem para as relações sociais, profissionais e familiares. Na minha própria família esse preconceito não é disfarçado. Ser negra e não ter uma estética corporal esperada sempre foi motivo de discriminação para comigo.

Desse modo, uma das maiores dificuldades enfrentadas por mim foi a intersecção entre o racismo e o sexismo, que nos coloca em uma posição dupla de subordinação. Somos não apenas marginalizadas por nossa raça, mas também pela nossa condição de gênero, somada a estética do corpo. Esse racismo estruturado, aliado ao sexismo, cria um ambiente onde nossas vozes são constantemente silenciadas e nossas experiências minimizadas. Em diferentes casos, as mulheres negras são vistas apenas como "objeto de estudo" ou "exceção", também como mão de obra mais barata, não sendo reconhecidas em suas singularidades e em sua humanidade plena.

Pelo descrito, este trabalho tem por objetivo explorar as contribuições de diferentes teóricos, como Stuart Hall, Michel Foucault e Rosa Maria Bueno Fischer, para os estudos sobre as mulheres negras, com ênfase nas questões de identidade, subalternização, resistência e as dinâmicas de poder que envolvem essas mulheres. A pesquisa busca aprofundar a compreensão das múltiplas opressões que as mulheres negras enfrentam, incluindo o racismo estrutural, o sexismo e as relações de classe, a partir de uma análise crítica dos discursos acadêmicos e das práticas sociais que as marginalizam.

Quanto a Stuart Hall, com sua abordagem sobre identidade e cultura, oferece uma base teórica para entender o modo que as mulheres negras são representadas na sociedade, sendo por vezes reduzidas a estereótipos e silenciadas nas narrativas dominantes. A identidade, segundo ele, é um processo fluido e em constante reconstrução, no qual cada um não é apenas objetos passivos da representação, mas sujeitos que também moldam e questionam essas representações.

Foucault, com sua teoria do poder e da disciplina, traz uma perspectiva crucial sobre como as instituições e os discursos sociais controlam e regulam os corpos das mulheres, incluindo as negras, especialmente no contexto em que as relações de poder

acabam contribuindo para embates de gênero e de sexualidade. O conceito de "biopoder" de Foucault permite uma análise das formas sutis de opressão que permeiam as práticas cotidianas e as relações que afetam essas mulheres, desde o espaço público até o privado, dando-nos uma boa percepção de docilização de corpos e controle do que se espera.

Rosa Maria Bueno Fischer, em uma delineação do sujeito e da escrita sensível, nos guia no campo metodológico. Nesse caminho, este trabalho foca-se no conceito de subalternização, desenvolvido principalmente nos estudos pós-estruturalista, que descreve o processo de exclusão e marginalização de grupos, como as mulheres negras, das esferas de poder e voz. As mulheres negras são, diferentes vezes, subalternizadas em discursos acadêmicos e políticos, sendo suas experiências e subjetividades minimizadas ou ignoradas. Por outro lado, é fundamental reconhecer os processos de resistência que surgem a partir dessa subalternidade, pois as mulheres negras têm sido protagonistas em diversos movimentos sociais e culturais que visam transformar as estruturas de opressão, dando sentido ao que Foucault chama de rotas de fuga.

Por meio desses teóricos e teóricas, o trabalho busca analisar as dinâmicas de poder que subjagam as mulheres negras, destacando sua resistência e resiliência frente às adversidades. Ao integrar as contribuições de Hall, Foucault, Fischer e outros pensadores, a pesquisa oferece uma perspectiva mais ampla e crítica das lutas das mulheres negras, ressaltando a importância desse debate para entender as diversas dimensões de docilização do corpo feminino.

2 PRESSUPOSTO

A docência pode ser um ato de transformação. Na Biologia isso implica um compromisso não apenas com o ensino das ciências naturais, do corpo vivo, mas também na construção de um espaço educacional mais inclusivo e representativo. Portanto, no contexto dos estudos das identidades negras, esse desafio é ainda mais significativo, pois a educação em biologia pode desconstruir estereótipos ou fortalecê-los.

2.1 Objetivos Gerais

Compreender como as identidades negras são influenciadas, construídas, representadas e vivenciadas em diferentes contextos sociais de nosso tempo, considerando o referencial de uma licencianda de biologia negra e mulher.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Construir saberes sobre o que entendemos como identidade no nosso tempo;
- b) considerar uma proposta de pesquisa centrada na escrita sensível;
- c) mostrar como o cinema é rico em recursos para debates acadêmicos, como os envolvendo história, racismo e escravidão negra;
- d) fazer um levantamento dos vários papéis da mulher, de escrava, bruxa, médica intuitiva (curandeira) à pesquisadora.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa apoia-se em uma base teórica interdisciplinar que permite compreender criticamente as relações entre saber, poder, identidade e subjetivação. Michel Foucault (2014) é central para esta análise, ao propor que os discursos produzem verdades e moldam subjetividades por meio de práticas institucionais e mecanismos de poder-saber. A partir dessa perspectiva, torna-se possível pensar a constituição dos sujeitos em contextos específicos. Rosa Maria Bueno Fischer (2001), ao dialogar com Foucault, contribui para a compreensão das práticas educativas como espaços de fabricação de identidades e de normalização, especialmente no que tange aos processos de escolarização e infância. Stuart Hall (2003) acrescenta ao debate uma abordagem cultural, defendendo que as identidades são construídas historicamente, sendo moldadas por discursos e práticas sociais, e não algo fixo ou essencial. Judith Butler (2015), por sua vez, amplia essas discussões ao problematizar os regimes de gênero e a performatividade como formas de subversão ou reinscrição das normas que regulam os corpos. Já Welson Barbosa Santos (2013) propõe uma leitura crítica sobre os processos de subjetivação e resistência, especialmente no campo educacional, articulando contribuições foucaultianas à realidade brasileira. Juntos, esses autores oferecem um arcabouço teórico robusto para compreender os modos como os sujeitos são constituídos nas tramas do poder e da cultura.

4 CAPÍTULO I

4.1 Memória, identidade e resistência: explorando os sentidos da arte

Ao discutir a respeito da construção da identidade negra com relação às suas diferenças culturais, tal debate nos chama a pensar como essas mulheres são estigmatizadas na sociedade, desperta um querer levantar entendimentos de como e porque isso se deu na história e como colaborar para esse debate e demanda no nosso tempo. Inclusive, sobre como discutir a partir de uma leitura de mundo que começa na experiência de quem escreve que também é de marcas afrodescendente e mulher, mas vai além, buscando perceber como tal perspectiva está na sociedade em espaços e mídias como novelas, cinema, dentre outros.

Por ser assim, aqui alguns elementos são importantes e incorporados, como a narrativa cinematográfica do filme *Amistad*,¹ na qual narra a luta de africanos escravizados, a partir de uma embarcação no atlântico que os traficava e vai parar nos tribunais brancos na luta por direito de voltar a sua terra natal. Trata-se de um processo de resistência e reconfiguração de identidades, visto que os personagens são representados como agentes de suas próprias histórias, desafiando a visão eurocêntrica. O filme aborda disputas de poder entre narrativas coloniais e as narrativas de libertação, destacando como o controle simbólico influencia as estruturas de poder das comunidades negras.

Ao nos apropriar da produção de cinema, justificamos que ele não apenas retrata uma história de resistência, mas também destaca a importância da representação cultural na luta pela justiça e pela redefinição das narrativas históricas no contexto das diásporas negras e luta contra a opressão lá no ciclo da colonização das Américas, a partir de 1500. Nisso, justificamos que a arte e a cultura desempenham um papel central na conscientização ou mesmo na construção das identidades negras, em especial de mulheres negras.

Lutas que funcionam como ferramentas de transformação social e individual,

¹ *Amistad* (1997), dirigido por Steven Spielberg, é baseado em uma história real ocorrida em 1839. O filme retrata a revolta de escravizados africanos a bordo do navio espanhol **La Amistad** e o subsequente julgamento nos Estados Unidos, após uma rebelião em alto mar contra escravizadores e a consequente interceptação pela marinha inglês/americana. A narrativa acompanha a luta desses homens por liberdade, enfrentando questões jurídicas e políticas complexas. Com atuações marcantes, destaca-se o papel de Cinqué, líder da revolta, e o apoio do ex-presidente John Quincy Adams. O filme aborda temas como justiça, direitos humanos e abolicionismo.

visto que mulheres negras podem utilizar a cultura como um campo de resistência e emancipação. Nesse caminho, pensar e considerar uma metodologia a partir de Fischer (2021; 2001), nos abre a essas possibilidades. A autora nos chama para perceber da vida, de nós, de nossas subjetividades e pequenas coisas. Encaminha-nos, afirmando que,

Tal qual uma criança, há que nos assombrarmos com o que nos sucede, nas coisas mínimas do cotidiano e, simultaneamente, com aquilo que irrompe num poema, numa música, num diálogo dramático, na composição de uma imagem, numa sequência cinematográfica (Fischer, 2021, p.9).

Nesse sentido, a arte tem uma função utópica, apontando para as possibilidades de transformação. Acaso não foi o ocorrido com a cultura negra trazida ao Brasil pelos escravos? Marginalização, preconceito e demonização. Portanto, uma sequência cinematográfica, mesmo que não se feche ao contexto nacional, pode, de maneiras individuais, atravessar e compor processos, contribuir para o debate de identidades a partir de padrões racistas. Este é nosso desafio, adentrar no campo da metodologia tendo a arte como uma de referência.

Mas de onde vieram os fundamentos desse negar ao negro sua igualdade e humanidade? Resta pensar como isso pode ser entendido historicamente. Nesse sentido, a construção do pensamento científico durante o século XVIII até metade do século XX contribuiu para a formação dos ideais racistas e machistas. Sob esse olhar, Foucault (2010) afirma que a medicina deixa de ser limitada para curar as doenças biológicas e passa a ter uma atribuição política. Desse modo, podemos considerar que a progressão dos conceitos médicos está vinculada com avanço das políticas públicas e as suas funções governamentais.

Portanto, a medicina transforma-se por intermédio da legitimação e do poder que lhe foram designados como um instrumento para a dominação dos corpos. A questão é perceber que isso, devido à ampla forma como esse discurso racista se legitimou, torna-se coisa sem muito crédito é visto como corriqueiro. Daí nossa busca para ter na arte uma possibilidade e visibilidade a mais da dinâmica que nos propomos discutir neste trabalho.

Para Fischer (2021), a arte tem o poder de nos chamar a pensar a educação e comunicação. Viabiliza ter como foco a construção de subjetividades e as formas de interpretação da cultura. A autora propõe uma “escuta da arte”, valorizando a experiência estética e a potência dos discursos midiáticos na formação dos sujeitos. Nesse sentido, Amistad pode ser analisada sob essa perspectiva, como um objeto

cultural que mobiliza memórias, afetos e reflexões sobre o passado e o presente. Assim, reconhecemos que a obra cinematográfica não apenas reconta um episódio histórico, mas também ativa diferentes leituras e sensibilidades, dialogando com as poéticas possíveis na pesquisa, como o cinema há muito vem despertando.

Entretanto, o texto “Por uma escuta da arte: ensaio sobre as poéticas possíveis”, da autora, traz uma abordagem sensível e crítica sobre o tema, destacando seu potencial na construção das identidades e na produção de sentidos na contemporaneidade. A autora fala no começo do texto do conceito de “escuta da arte”, sugerindo que a experiência estética não se resume ao uso visual ou intelectual, mas envolve uma atitude de acolhimento e abertura às múltiplas possibilidades de significação que as obras artísticas oferecem.

Podemos perceber que Fischer (2021; 2001) dialoga com diferentes campos do conhecimento, como o discurso, a filosofia, a comunicação e a educação, abrindo espaço para um refletir do papel da arte na sociedade e na construção do sujeito por via do discurso (Foucault, 2011). Isso nos permite ficar frente a frente com a arte e as relações poéticas na construção de um objeto de estudo.

A autora Fischer (2021; 2001) se inspira em teóricos como Walter Benjamin, Roland Barthes e Michel Foucault, e analisa de que forma a arte pode ser compreendida não somente por objeto estético, mas como um dispositivo que mobiliza afetos, memórias e formas de subjetivação. Percebe-se que assim a autora sustenta-nos no valorizar as poéticas possíveis, ou seja, as diferentes interpretações e vivências que a arte proporciona, dependendo do contexto e da relação estabelecida com o espectador, como o cinema o faz.

Outro ponto interessante é importante que contribui para a nossa formação é sua crítica sobre as relações de aprendizagem nas academias, pois acha que continuamos separando o vivendo no pensado, na teoria sem a prática. Por outro lado, ela nos chama a discutir a influência da mídia e dos dispositivos culturais na forma como a arte é percebida e consumida. Também argumenta que, na atualidade, a experiência estética é atravessada por discursos midiáticos e tecnológicos, que podem ampliar, limitar as possibilidades de aproveitamento artístico.

Nesse sentido, a escuta da arte torna-se um exercício de resistência, pois provoca estar atento às sutilezas e aos detalhes que por vezes passam despercebidos na correria do cotidiano. Fischer (2021) defende que a arte deve ocupar um lugar significativo nos processos de ensino e aprendizagem, não só um conteúdo a ser estudado, mas uma

experiência transformadora. Aqui nos auxilia a ver a arte e ajustá-la como elemento no campo da pesquisa é elemento que abre novos campos. Portanto, a autora, nos sustenta ao fazer uma análise sobre a arte e o racismo e como a arte influencia o racismo por vezes disfarçado.

Nesse aspecto, bem sabemos que a arte e os meios de comunicação têm sido historicamente um espaço de reprodução de estereótipos raciais quanto um corpo de contestação e resistência. Nesse sentido, o texto de Fischer (2021) ajuda a compreender como essa mídia, a cultura e os processos educacionais, contribuem para a formação de subjetividades e identidades, incluindo aquelas marcadas por questões raciais e de poder (Foucault, 2007). Uma questão bem delineada na introdução quando há uma referência a práticas sociais e a textura de cabelo, a forma como isso deixou marcas.

Nesse caminho de entendimento, afirmamos que os discursos mediáticos têm relações muito próximas com a educação e as imagens. Isso porque narrativas e representações culturais influenciam a forma de enxergarmos o outro. Perceber que a exclusão e a marginalização de grupos racializados não ocorrem apenas por meio de políticas institucionais, mas também por meio da repetição de determinadas representações que reforçam as desigualdades, é algo que nos chama a pensar.

Mas para além disso, a arte também pode ser usada como um potente espaço de resistência e reconstrução de identidades, pois artistas negros, indígenas e outros grupos historicamente oprimidos têm utilizado diferentes linguagens artísticas para reivindicar visibilidade e contestar narrativas hegemônicas, através da pintura, do cinema, da literatura e de outras expressões culturais. Eles questionam a estrutura racista da sociedade eurocêntrica e propõem novas formas de existência e reconhecimento. Sendo assim, percebemos a importância da crítica cultural para desnaturalizar discursos excludentes e abrir espaços para novas possibilidades de representação. Assim, a interseção entre racismo, arte e estudos mediáticos nos faz refletir sobre o papel das imagens e narrativas, na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Fischer (2021) chama-nos a reconsiderar nossas relações com a arte e a adotar uma postura mais atenta, acolhedora e reflexiva. A escuta da arte, conforme propõe a autora, é um caminho para expandir nossa percepção e compreender a riqueza dos sentidos que emergem das obras, tornando a experiência estética um espaço de transformação e diálogo contínuo.

5 CAPÍTULO II

5.1 Questões de identidade na modernidade tardia

No que tange os assuntos voltados ao pensamento sobre identidade em sentido um pouco mais amplo, considerar tal demanda nos faz elencar possibilidades e o que é identidade no passado. Ao mesmo tempo, nos chama a rever o conceito do que é a identidade atualmente. Sabemos que entender a questão no presente tempo, desloca-nos, suscita pautas econômicas, sociais e culturais que, em meados do século XX, eram explicadas por outro viés, influenciadas pelas normatividades e modelos fixos do que se deveria ser, explica o sociólogo Stuart Hall em algumas de suas obras (2003; 2014).

Assim, temos as principais mudanças que nos levam a pensar as identidades sociais pautadas na economia dos anos de 1900, em que a sociedade passa a ser marcada por profundas mudanças, como o efeito longo do fim da escravidão e consolidação da república e não menos importante, a industrialização que delineiam diretamente não só as relações culturais, mas também as relações sociais. Falamos aqui de um conjunto de questões que abarcam a Europa e a escravidão africana, liga-a aos efeitos disso na história do Brasil e toda a América. Do mesmo modo, a Inglaterra e a industrialização iniciada no fim do século XVIII.

Assim, um ponto que podemos começar a tratar aqui, refere-se à miscigenação, a colonização e as matrizes culturais dentro das identidades dos países da América. A força e o contingente humano vindo da África que são deslocadas à América, toda uma cultura vinda para cá. Pensar, principalmente o Brasil, com os milhões de negros trazidos nos navios negreiros para arrancar o ouro da terra, plantar a cana, fortalecer e implementar toda uma economia desse país continental que somos. Isso nos desloca, nos faz pensar como tudo isso se acomodou aqui e agiu, contribuiu no que somos.

Diante do contingente negro e peso de sua cultura, como negar os milhões de indígenas que já habitavam nossas terras. Sim, temos presenciado um debate mais recentemente que nos diz serem eles os senhores da terra. E o são, no continente americano, o local onde já habitavam bem antes da colonização, suas terras foram usurpadas pelas coroas Inglesa, francesa, espanhola e portuguesa. Mesmo assim, os saberes, as culturas, os hábitos de vida, os legados desses primeiros povos são inegáveis. E, de lá até cá, mais de cinco séculos se passaram. Daí surge uma pergunta: porque será que em 2024 ainda foram localizados povos indígenas isolados em trechos de floresta no Mato Grosso e Rondônia?

A força de uma identidade que os mantêm ligados a ela, a terra, a um estilo de vida e a fugir do homem tido como branco, que nem branco é no Brasil. Fugir de uma cultura

e desenvolvimento que não os fascina para além do facão que ajuda cortar o mato onde ele vive. Essa seria a resposta mais cabível?

Seguindo na tentativa de elucidar diferentes demandas, no que se refere à economia social, houve fortes mudanças que possibilitaram novos horizontes, tais deslocamentos colaboraram para uma nova perspectiva sobre as formas de consumo. Mas esse não é um privilégio de brasileiros, ou latinos e americanos. Trata-se de um modo operante da humanidade, desde as cavernas, desde as primeiras civilizações. O que houve foi o movimento de identidades fixas, para um modo volátil que marca o nosso tempo, conforme afirma Hall (2014).

Consideremos as bases estruturais do que se entende como identidade, em âmbito social que é formado pelas representações culturais, moldadas pelas estruturas de poder que definem o que é valorizado ou marginalizado, levando a um campo de luta e contestação social, de relações de poder. O que temos vivido no nosso tempo são processos de legitimação e negação de raça e etnias, consequência de toda uma questão histórica iniciada aqui em 1500, mas trazida da Europa. Nesse sentido, Hall (2003; 2014) fomenta os estudos culturais a partir de uma visão pós-colonial, estabelecendo novos argumentos, novas explicações para uma nova ordem mundial, que deixou de ser pautada nas situações econômicas, sociais e se fixou nos fenômenos culturais.

No livro “A identidade cultural na pós-modernidade” o autor se tornou, consideravelmente importante, para compreender as adversidades, nas questões ligadas às identidades individuais e coletivas. Entretanto, ele apresenta sua tese do que chamou de “crise de identidade”, que vem interpelando o sujeito na modernidade tardia. Um sujeito que deixou de ser unificado, agora cindido, fragmentado, deslocado e descentrado, em uma polissemia, das quais ele precisa lidar. Nacionalidade, classe, etnia, religiosidade, língua, sexualidade e gênero, um todo que passou a ser questionado, intrinsecamente entrelaçado e de interferência mútua (HALL, 2014, p.09).

Dessa forma, o sujeito sociológico tem construído sua identidade, baseando-a na sua interação entre o “eu” e a sociedade. Isso porque, segundo o autor, como sujeitos da modernidade tardia, não possuímos apenas uma única identidade, mas várias marcas delas em nós. Identidade “móvel”, pois o indivíduo assume identidades diferentes em diferentes momentos da vida. Nesse sentido, sempre há um caráter de mudança na modernidade e por diferentes vezes, atravessados por divisões e antagonismos sociais.

Desse modo, como foco desse debate, mulheres negras, na modernidade, enfrentam um cenário cultural e político que ainda não consegue ser colocado em prática. Tomemos

como referência a violência policial, as divisões de classes, o desemprego e o racismo estrutural, somado ao machismo e ao patriarcado, mesmo a violência doméstica contra mulheres, que entre as negras tem números mais significativos, como já sinalizamos. As formas de subalternizar e invisibilizar as mulheres negras no Brasil é algo que parece enraizado em nossa cultura e a globalização nos mostra que não é uma especificidade brasileira, as americanas não sofrem menos com isso, colocadas em situação de inferioridade econômica, política e social. Por outro lado, as mulheres brancas são reiteradas como modelos positivos de identidade. Mas como melhor compreender isso? Como nos deslocamos das identidades fixas até os voláteis?

Hall (2003; 2014) vai afirmar que identidades, historicamente, podem ser divididas em três: identidades do sujeito iluminista, baseada na noção de um “eu” essencial e imutável; identidade do sujeito sociológico, moldada pela interação entre indivíduos e sociedade e identidades do sujeito pós-moderno- fragmentada, instável e influenciada por múltiplos discursos. Dessa forma, fatores como globalização, migrações e mídia, questionam identidades tradicionais, dando espaço a novas formas de pertencimento. Assim, podemos afirmar que um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de si, como sujeitos integrados. Essa mudança de conceito de si é chamada de deslocamento ou descentralização do sujeito, constituindo assim “crise de identidade”. Entretanto, diferentemente do pensamento iluminista, as identidades estão sempre em deslocamento. Cabe ressaltar aqui que é esse processo que produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não mais de uma identidade fixa, essencial ou permanente, interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2014).

De diferente modo, se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (Hall, 2003). E como se deu o caráter de mudança na modernidade tardia? Esse é um outro aspecto em relação a identidade e está relacionado ao caráter da mudança, conhecido como “globalização” e o seu impacto na identidade cultural. Todas as relações fixas e imutáveis, com suas velhas representações e concepções foram desfeitas. As novas relações se desgastam antes mesmo de conseguirem se consolidar. Inclusive, tudo o que é sólido se dissolve no ar.

Portanto, as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Essa é a principal diferença entre as sociedades

"tradicionais" e as "modernas". Tornaram-se mais fluídas, negociadas e, muitas vezes, contraditórias. A noção de "identidade" se tornou algo que é constantemente construído e reconstruído. Hall (2003; 2014) nos auxilia a entender que a mudança na modernidade tardia também afeta as questões raciais e étnicas, como a questão da mulher negra. As identidades raciais não são essencialistas, mas são construídas socialmente e historicamente, tão ou mais frágeis que as outras. A crescente mobilidade das populações migrou para uma reconfiguração das relações entre raça, classe e cultura. Isso nos ajuda a entender o local que a mulher negra ainda ocupa nessa sociedade.

A identidade, tanto individual quanto coletiva, passou a ser cada vez mais fluída e em constante transformação, desafiando as ideias de identidade fixa e unívoca. Em contraponto, ela pode ser uma cultura no campo de luta. A modernidade tardia vê uma multiplicação de culturas e identidades, em que os sujeitos estão constantemente em processo de redefinição de seus pertencimentos e valores. Hall (2014) argumenta que, enquanto na modernidade clássica a identidade era mais estável e ligada à nação, à classe ou à religião, na modernidade tardia as identidades foram desafiadas. A globalização, a crise das grandes narrativas e a fluidez das identidades são algumas das principais características perceptíveis.

Nisso, fenômenos como fundamentalismo, diáspora e hibridismo no contexto da globalização passaram a ser comuns. O fundamentalismo não é apenas uma reação religiosa ou cultural, mas uma reação contra as mudanças rápidas e os desafios impostos por uma sociedade globalizada e pluralista (Hall, 2014). Em um mundo cada vez mais plural e conectado, o fundamentalismo funciona como uma forma de afirmar uma identidade sólida e imutável, com base em princípios que são apresentados como "originais" ou "puras". Consideramos todo o levante religioso sobre "moral", retorno público de posturas homofóbicas, sexistas e de racismo, experiência de retrocesso no Brasil a partir de 2017.

O fundamentalismo, para o autor, está profundamente ligado a questões de identidade e ameaça percebida. Pensar um pouco do que vivemos em tudo um governo nos faz perceber isso. À medida que os indivíduos ou grupos se sentem desorientados ou marginalizados pelas forças da modernidade, o fundamentalismo pode oferecer uma sensação de segurança, através de uma volta a valores tidos como imutáveis. Para melhor perceber tal demanda, sabe-se que as diásporas são uma característica central do mundo moderno e estão profundamente ligadas à história do colonialismo, da escravidão e da migração global.

No entanto, Hall (2003; 2014) destaca que a experiência da diáspora não é apenas de perda ou deslocamento, mas também de criação de novas identidades e culturas híbridas. Ele vê a diáspora como um processo dinâmico, no qual indivíduos e grupos não se limitam a manter apenas uma identidade nacional ou cultural, mas desenvolvem novas formas de viver e se entender no mundo. A experiência da diáspora implica uma relação complexa com a memória histórica, as tradições culturais e a modernidade, o que por vezes gera tensões entre a preservação de uma identidade de origem e a adaptação a novos contextos.

Nesse sentido, o conceito de hibridismo é central nas análises de Hall (2014) sobre identidade e cultura. Ele vê isso como um dos efeitos da globalização e das migrações transnacionais, em que identidades culturais não são estáticas, mas sim fluidas, múltiplas e negociadas. O hibridismo é uma forma de resistência à ideia de uma identidade fixa e essencialista, propondo em vez disso uma abordagem mais flexível e complexa da identidade cultural. As culturas não são puras, mas sempre estão se misturando e se transformando ao entrar em contato com outras, resultando em novas formas e símbolos culturais.

No entanto, Hall (2014) também observa que o hibridismo não é necessariamente um processo sem conflitos. Em alguns casos, pode haver tensões entre as práticas culturais tradicionais e as influências externas, criando um campo de lutas pela autenticidade e pelo pertencimento. Isso nos remete a comentários de que quilombolas são como porcos pesados por arroba, a grilagem de terra de indígenas, mesmo a forma como o país pode ser tratado em plena crise de saúde global com o Covid.

Retomando a fundamentação teórica, o fundamentalismo pode surgir como uma resposta à perda de identidades sólidas em um mundo globalizado, onde as fronteiras culturais são cada vez mais fluidas. No contexto das diásporas, ele pode ser uma tentativa de manter uma identidade "pura" ou original, frente a pressões para se adaptar ou se integrar a novas culturas. Se nossa população mais simples ou parte de um governo eleito em 2018 não tivessem isso muito claro, trazer isso ao campo da sociologia, as coisas ficam bem evidentes.

Aí estamos diante da importância da criação de novas formas culturais híbridas. As pessoas que migram de um contexto para outro, encontram-se em um espaço de transculturação, onde elas incorporam elementos das culturas locais enquanto preservam aspectos das suas culturas de origem. Essa fundamentação nos desloca a perceber o ocorrido com as populações negras trazidas da África. Ocorreu um processo de

hibridização, uma forma de resistência à imposição de uma identidade dominante, permitindo a negociação de múltiplas identidades.

Em suma, Hall (2003; 2014) traz inestimáveis contribuições ao campo dos estudos culturais, à compreensão das identidades e à luta por uma cultura mais inclusiva e plural. Ele ajuda a compreender o pensamento contemporâneo sobre cultura, identidade e poder. No que diz respeito às mulheres negras. O autor tem um papel fundamental ao destacar as vozes e as experiências de grupos marginalizados, particularmente que, ao longo da história, foram silenciadas e relegadas a papéis secundários nos discursos sobre identidade e cultura. Ele permitiu reconhecer a importância e melhor entendimento das interseções entre raça, classe e gênero, e como essas dimensões moldam a experiência das mulheres negras em um mundo dominado por estruturas de poder eurocêntricas.

Hall não apenas viabilizou as questões relacionadas à opressão racial, mas também as dinâmicas de resistência das mulheres negras, cujas experiências estavam no cerne de sua visão sobre cultura e identidade. Sua abordagem crítica ao racismo estrutural e ao colonialismo desafiou as narrativas tradicionais e abriu espaço para novos discursos sobre as identidades híbridas, fluídas e múltiplas que são tão fundamentais para o entendimento das sociedades contemporâneas. Ele nos ensinou a olhar para as identidades de maneira mais complexa, reconhecendo a força da história, mas também a necessidade de uma reinterpretação constante à medida que as novas gerações se desafiam a redefinir seus próprios lugares no mundo.

As escritas do autor permitem um problematizar, transformar e enriquecer as nossas noções de cultura, identidade e gênero. Seu legado nos inspira aqui a reflexão sobre como vivemos, como nos vemos e como podemos lutar por um mundo mais inclusivo e justo, onde as múltiplas identidades, especialmente as de mulheres negras, possam ser reconhecidas, respeitadas e celebradas. Para além disso, nessa busca por delinação que o autor nos permite fazer, o que fica evidente é uma constante luta contra as diversas formas de opressão estruturais. Falamos de um contexto de subordinação histórica que exige um olhar atento das dinâmicas de poder que nos envolvem.

Em um deslocamento para além das considerações sociológicas de identidade, Foucault (2007), com sua teoria sobre poder e disciplina, contribui significativamente para a compreensão de como os corpos de mulheres são regulados e controlados por instituições sociais de discursos dominantes, de força patriarcal e docilizadora, como já esboçamos. Assim, o conceito de biopoder, que se refere à forma como esse poder ocorre sobre os corpos e as vidas das pessoas, ele é fundamental para a percepção da

subordinação que se dá tanto no plano social quanto no privado, especialmente, em uma sociedade marcada por um racismo estrutural.

Nesse caminho, vem de Foucault (2007; 2011) elementos que permitem apontar para a resistência desses grupos, desses corpos em um movimento constante de reinvenção de suas identidades. A este trabalho tais considerações são indispensáveis, pelas múltiplas dimensões da produção de discursos de demérito e de resistência de mulheres, a partir das perspectivas teóricas, na busca por compreender como elas desafiam as estruturas de poder. Sua ação em criar dispositivos para colocar em prática um conjunto de ações de fortalecimento, negação, resistência, reconfiguração e reconhecimento da mulher negra.

Nessa luta por um novo desenho, conceito, forma de serem percebidas como mulheres, mudanças têm ocorrido. Inclusive, o nosso tempo tem nos permitido ir além no que tange a identidade delas, mas reconhecê-las como fundamentais, forçando-nos a percebê-las como parte indispensável, central em certas demandas de uma sociedade. Nem mais nem menos, simplesmente parte na composição do todo. Uma mulher que vai metamorfoseando em busca de lugar e ajuste. Uma identidade ajustada e ajustável às suas demandas, isso porque:

A identidade não é algo fixo, mas sim um campo de tensão, um processo contínuo de construção, marcado pela diferença e pela luta. A identidade é sempre performática e se constitui representações que nos cercam. (Hall, 2014, p. 12)

Assim como as mulheres negras têm suas histórias e identidades por vezes silenciadas e marginalizadas, comum é perceber trajetórias que também refletem um processo contínuo de descoberta e resistência, subalternização, mas também deslocamento para a visibilidade e valorização dessas vozes, a partir de um aprendizado na superação de medos, mediante inseguranças socialmente adquiridas. Mas como melhor entender essas dinâmicas? A representatividade é uma questão crucial.

A questão é que a escassez de modelos positivos de mulheres negras é fruto de um investimento de invisibilidade, especialmente em posições de liderança, é uma constante e um investimento que não cessa. O padrão de beleza, sucesso e realização é predominantemente branco, não deixando ou abrindo-se a visibilidade negra. Isso contribui para a construção de uma baixa autoestima e para a constante luta pela afirmação de identidades, ao mesmo tempo em que se enfrenta o julgamento da sociedade. Importante frisar que há negação, mas há avanços.

5.2 Biologia, mulher e sociedade: um desafio disciplinar e interdisciplinar

A biologia social, conteúdo que estuda as interações entre os seres humanos e seu ambiente, também tem sido um campo no qual as mulheres negras enfrentam desafios. Os estudos de Foucault (2007), ao abordar com profundidade a questão do gênero e a subalternização das mulheres, oferece importantes contribuições. Há autores (Santos, 2016; Santos *et al.*, 2023) que esclarecem ser as masculinidades prejudiciais nas suas relações históricas com as mulheres e consigo mesmas, assim como nas relações de poder estabelecidas entre homens normativos e não normativos. A maneira como o corpo da mulher foi enquadrado, produzido para ser moldado e submisso, é uma questão que impacta até as interações entre mulheres (Foucault, 2007). Esse é um processo discursivo poderoso que molda gerações de crianças que, ao atenderem ao padrão normativo, acabam sendo impressas nos corpos e se ajustam ao que se espera delas.

Na fase da escolarização, que no nosso tempo começa muito mais cedo, às vezes aos dois ou três anos de idade, tais processos seguem seus cursos perpetuando o trabalho que se iniciou no seio da família. Mas é na universidade que as memórias desse tempo podem ser consideradas válidas, no desenho que constituirá o sujeito (Foucault, 2007).

Contudo, a interseção entre o ensino de biologia, as questões que envolvem as mulheres negras e a teoria de Michel Foucault oferece uma perspectiva crítica e profunda sobre a construção de saberes e os processos de subjetivação, de um corpo biopolítico, produzido para ser produtivo, reprodutivo, replicador de padrões. Para além disso, no contexto da biologia, o corpo feminino, em especial o corpo da mulher negra, historicamente tem sido tratado de maneira reducionista, objetificando e desumanizando essa experiência.

O ensino de biologia, tradicionalmente voltado para uma visão masculinizada, precisa ser reconfigurado para englobar as complexidades e as realidades da diversidade humana, incluindo as particularidades do corpo e da saúde dessas mulheres. A biologia, quando desconstruída e analisada de forma pormenorizada, pode se tornar uma ferramenta poderosa na luta contra a marginalização e a subalternização de grupos historicamente oprimidos como o negro no Brasil. A teoria foucaultiana, ao nos revelar as relações de poder e as formas de controle que permeiam o saber e o ensino, nos desafia a repensar o papel da educação na perpetuação ou na transformação das estruturas de opressão (Foucault, 2007).

Em relação às mulheres negras, o ensino de biologia deve ir além da biologia pura e englobar uma abordagem interseccional que considere raça, gênero e classe. Mulheres negras, ao longo da história, enfrentaram não apenas as dificuldades impostas pelo patriarcado, mas também o racismo estrutural, e é fundamental que o sistema educacional, especialmente no campo das ciências, reconheça essas especificidades. Ao incorporar essas questões nas práticas pedagógicas e no currículo de biologia, é possível oferecer um espaço de reconhecimento e valorização das experiências dessas mulheres, promovendo um ensino mais inclusivo e transformador.

Portanto, ao refletirmos sobre o ensino de biologia e sua relação com a teoria de Foucault e a experiência das mulheres negras, é essencial que busquemos uma educação que não apenas ensine os aspectos biológicos de maneira neutra, mas que também permita questionar e desconstruir as narrativas dominantes, reconhecendo a diversidade dos corpos e das experiências humanas. Dessa forma, podemos construir uma biologia mais inclusiva, que empodere mulheres negras e outros grupos marginalizados, desafiando as estruturas de poder e abrindo caminho para um conhecimento mais justo e transformador.

6 CAPÍTULO III

MULHERES: BRUXAS, LOUCAS, CIENTISTAS E PROFESSORAS

Sim, este é um trabalho que tem como foco a mulher, a mulher negra, dizer um pouco de suas lutas e como muito do que atualmente nos parece mitologia, fez parte da história dessa cidadã que em pleno século XXI ainda luta pelo direito de ser percebida igualmente em direitos e deveres na sociedade. Para tal, traremos breves considerações sobre cinema, sobre a forma como essa arte é importante da conscientização de dadas questões como o demérito negro na história. Para além do cinema, adentrarmos as várias facetas e lugares que essa mulher busca se encontrar, ser, fazer, estar.

6.1 A mulher bruxa

O que seria uma mulher bruxa? Percebemos, por meio de nossas vivências, que a maioria das pessoas, quando respondem essa pergunta falam que são mulheres más, que fazem magia e adoram o diabo, ou relembram as grandes vilãs dos filmes infantis – posicionamentos em decorrência de uma cultura que estigmatizou e exatificou estes modos de existência. Contudo, para os autores Russel e Brooks (2008), o ser bruxa vai

muito além do imaginário popular, eles descrevem como o conceito da bruxa foi sendo construído ao longo dos séculos e nas diferentes culturas ao redor do mundo.

Abordar sobre a bruxaria é falar sobre história, religião, sociologia, política, mitologia, escravidão, África e como estão entrelaçados. Segundo os autores, a bruxaria e a feitiçaria fazem parte e estão presentes em diversas sociedades, portanto deve ser algo útil pois atravessou gerações (Russel; Brooks, 2008). Todavia os questionamentos que ficam são: por que a bruxaria sobreviveu até os dias atuais? Foi um ato de resistência? E qual tipo de resistência: social ou cultural? Conforme afirmam, os antropólogos identificam a feitiçaria:

[...] de diversas sociedades padrões característicos de acusação que eram determinados pelas tensões existentes em relacionamentos sociais específicos. Ao invés de aliviar as tensões sociais, é possível que a crença na feitiçaria venha a alimentá-las, exacerbá-las. Essa crença pode surgir de divisões familiares, de feudos ou de disputas por autoridade dentro de famílias ou grupos. Os antropólogos observaram que “as acusações de bruxaria não são aleatórias”, ao contrário, seguem linhas sociais perfeitamente observáveis (Russel; Brooks, 2008, p. 18).

Durante muito tempo, houve mulheres colocadas como bruxas, mas na verdade não utilizavam poderes sobrenaturais para realizar suas poções mágicas. Elas possuíam um conhecimento que atualmente consideramos como fitoterapia, aromaterapia e farmacologia doméstica: eram, em suma, habilidosas manipuladoras dos elementos da natureza, atuantes de uma alquimia elementar. Como não reconhecer o quanto essas mulheres negras já eram cientistas, aprendendo com os povos originários, caciques que sabiam o poder de cura das plantas.

De acordo com Federici (2017), a questão é que tal conhecimento feminino ameaçava a construção de uma nova ordem patriarcal. Portanto, para que essa nova ordem fosse consolidada, foi necessário a destruição da imagem da mulher como curandeira, herege e esposa desobediente. Nesse contexto, surgiu o livro “Malleus Maleficarum”, no ano de 1484, escrito com o objetivo de identificar uma bruxa (Federici, 2017). Contudo, ele originou uma mitologia em torno da sexualidade feminina por causa do desconhecimento que o homem tinha em relação ao corpo feminino. O que causou exames sexuais aos quais as mulheres tidas como bruxas eram submetidas. A partir desse momento histórico, milhares de mulheres foram brutalmente executadas acusadas de bruxaria. Conforme afirma a autora,

A caça às bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal na qual os corpos das mulheres, seu trabalho, seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do

Estado e transformados em recursos econômicos (Federici, 2017, p. 309).

As mulheres desse período histórico eram constantemente vigiadas pela sociedade, e por outras mulheres. Uma vez que exista uma dominação por parte do estado e da igreja sobre o corpo feminino, por meio de um discurso que caracteriza e controla (Foucault, 2007). A caça às bruxas não ficou restrita ao continente europeu, pois ocorreu, também, nas colônias norte-americanas e brasileiras.

6.2 Mulheres Professoras, cientistas, e... o que quisermos ser

Nós mulheres crescemos ouvindo o que fazer, como fazer e onde fazer, em um mundo cheio de regras para seguir. A construção de uma formação em ciências e em biologia é um processo que a todo momento vai nos moldando acerca do nosso entendimento, a partir das nossas vivências. Tornar-se professor(a) de ciências é algo que diz muito a respeito de uma história, enquanto mulher. Muitas vezes chamadas de loucas por simplesmente ter uma mudança de humor ou por não estar em um dia bom. Historicamente, a sociedade nos oprimiu, nos silenciou, tentaram nos fazer pensar e acreditar que não éramos capazes de realizar nada a não ser servir ao esposo e cuidar da casa, como únicas funções sociais.

Atualmente, essa realidade tem sido tecida de maneiras diferentes. Desejamos que todas as mulheres possam ser o que elas quiserem: professora de ciências e biologia, médica, advogada, engenheira, cientista, casada, solteira, mãe ou não, cisgênero ou transgênero... e não nos limitando a ser o que impõem às nossas existências. Mas nosso foco nesse ponto da escrita é focar no desafio da mulher bióloga, professora de ciências e biologia. Ir para além da docilizadora de corpos vinda da família para continuar seu papel na escola ajustando comportamentos para atender demandas de mercado (Foucault, 2007). Para Carvalho (2020), o ensino de ciência e biologia deve ser uma

[...] compreensão inter-relacional, tanto a cultura quanto a biologia se retroalimentam para garantir (ou para que sejam compreendidos) aspectos adaptativos inerentes à nossa espécie e negociáveis em nossas sociedades. No entanto, as descrições ou materialidades que acreditamos serem feitas ou constituídas exclusivamente de soma e de natureza são, para as teorizações feministas e pós-críticas, efeitos de linguagem a criar uma história (não) natural daquilo que nos marca como pessoas (Carvalho, 2020, p. 227)

No que tange à importância e contribuição dessas mulheres loucas, bruxas, cientistas e professoras na nossa formação, percebemos que elas ressignificam todos os dias as palavras: resistência e resiliência. Enquanto futuras professoras, inspirar outras

jovens meninas e mulheres a continuarem estudando para realizar os seus sonhos fará parte da nossa rotina. Isto é algo que vai além do conteúdo teórico e transpassa para a vivência de cada aluna/o. É, em suma, transformar as culturas nas quais crescemos, mostrando que outros caminhos são possíveis.

6.3 O cinema como possibilidade de enfrentamento ou...

Ao discutir a respeito da construção da identidade negra com relação às suas diferenças culturais, tendo a narrativa cinematográfica do filme *Amistad* por base, afirmamos que esse é um recurso importante para o nosso tempo, até pelo impacto e alcance que uma produção pode alcançar. Há algumas películas que, devido a seu valor histórico, os efeitos que suas imagens provocam ou mesmo a qualidade e vitalidade dos discursos usados, torna a produção uma eficiente ferramenta para compreensão de dados temas. Isso porque,

[...] o contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas imagens - entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos - significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com narrativas filmicas. (Duarte, 2002, p. 74).

Sobre o filme *Amistad* em específico, reforçamos que ele aborda disputas de poder entre narrativas coloniais e de libertação, destacando como o controle simbólico influencia as estruturas de poder das comunidades negras. Para além, não apenas retrata uma história de resistência, mas mostra que a arte e a cultura podem desempenhar papel central na construção das identidades negras. Retratarem lutas que funcionam como ferramentas de transformação social e individual e que fortalece grupos, visto que negros utilizam a cultura como um campo de resistência e emancipação.

Se por um lado há um investimento pelo silenciamento, se ele sobrevive, segue e dá cores a uma luta. O cinema tem esse poder de resgatar em nós ou nos mostrar fatos e dados de um tempo, dentro de uma dinâmica de realidade que alcança grande número de pessoas de forma bem eficiente. Quando tomamos o filme *Amistad* como referência, esse é nosso intuito. Tê-lo como elemento provocador de uma narrativa histórica que ainda se faz presente, no que se refere à luta pelo direito de reconhecimento de uma raça e processo que desqualifica a população de um continente, a África. Isso porque a arte inspira. Com coisas comuns, o cinema encanta pela arte que expressa.

Tal qual uma criança, há que nos assombrarmos com o que nos sucede, nas coisas mínimas do cotidiano e, simultaneamente, com aquilo que irrompe num poema, numa música, num diálogo dramático, na composição de uma imagem, numa sequência cinematográfica (Fischer, 2021, p.9).

Nesse sentido, a arte tem uma função utópica, apontando para as possibilidades de transformação. Uma sequência cinematográfica pode de maneiras individuais atravessar negros e brancos, a todos, e contribuir na formação de conceitos e identidades, a partir de padrões racistas, como o filme retrata. E o mesmo pode ocorrer inversamente. Se na produção houve um sério e forte investimento para que negros fossem vistos e percebidos como subalternos, raça inferior, o nosso tempo trava uma luta sem precedentes para reconhecimento de uma cultura, um modo de vida, os valores de todo um continente que foi negado a humanidade de seus cidadãos.

Ao trazer a produção *Amistad*, isso nos chama a pensar a arte, com foco na construção de subjetividades e nas formas de interpretação da cultura. Fischer (2021) e Foucault (2022) propõem uma “escuta da arte”, valorizando a experiência estética e a potência dos discursos midiáticos, na formação dos sujeitos. Nesse sentido, *Amistad* pode ser analisado sob essa perspectiva, como um objeto cultural que mobiliza memórias, afetos e reflexões sobre o passado e o presente, chama a todos a considerar e centralizar os vícios históricos do racismo. A obra cinematográfica não apenas reconta um episódio histórico, mas também ativa diferentes leituras e sensibilidades, dialogando com as poéticas possíveis na pesquisa da autora.

Entretanto, Fischer (2021), traz uma abordagem sensível e crítica sobre a arte, destacando seu potencial na construção das identidades e na produção de sentidos na contemporaneidade e o cinema tem sua participação nisso em nosso tempo. A autora fala do conceito de “escuta da arte” citado anteriormente, sugerindo que a experiência estética não se resume ao uso visual ou intelectual, mas envolve uma atitude de acolhimento e abertura às múltiplas possibilidades de significação que as obras artísticas oferecem. Pensar o cinema sob tal perspectiva o potencializa. Podemos perceber que a autora dialoga com diferentes campos do conhecimento, como filosofia, a comunicação e educação, e assim podemos refletir sobre o papel da arte cinematográfica na sociedade e na construção do sujeito.

Por outro lado, a autora nos chama a discutir a influência da mídia e dos dispositivos culturais na forma como a arte é percebida e consumida, restringindo em muito seu poder de colaboração e formação de conceitos. Isso porque na atualidade a

experiência estética é atravessada por discursos midiáticos e tecnológicos, que podem ampliar, limitar as possibilidades de aproveitamento artístico. No nosso caso, a escuta da arte trazida pela produção cinematográfica que citamos, torna-se um exercício de resistência, pois provoca estar atento às sutilezas e aos detalhes que muitas vezes passam despercebidos na correria do cotidiano, nas aulas de história, em outras narrativas. Fischer (2021) defende que a arte deve ocupar um lugar significativo nos processos de ensino e aprendizagem, não só como um conteúdo a ser estudado, mas como uma experiência transformadora de fácil acesso.

Contudo, vale considerar uma análise sobre a arte e o racismo e como a arte influencia o racismo muitas vezes disfarçado. A arte e os meios de comunicação têm sido historicamente um espaço de reprodução de estereótipos raciais quanto um corpo de contestação e resistência é mostrado, no nosso caso falamos de corpos negros, de processos que tornaram ou reconheceram os corpos negros como não humanos, irracionais. Nesse sentido, Fischer (2021) ajuda a compreender como a mídia, a cultura e os processos educacionais contribuem para a formação de subjetividades e identidades, incluindo aquelas marcadas por questões raciais e de poder, como discutimos aqui.

Os discursos midiáticos têm relações muito próxima com a educação, as imagens, narrativas e representações culturais influenciam a forma como enxergamos o outro. A exclusão e a marginalização de grupos marcializados não ocorrem apenas por meio de políticas institucionais, mas também por meio da repetição de determinadas representações que reforçam as desigualdades.

Artistas negros, indígenas e outros grupos historicamente oprimidos têm utilizado diferentes linguagens artísticas para reivindicar visibilidade e contestar narrativas hegemônicas, através da pintura, do cinema, da literatura e de outras expressões culturais. Eles questionam a estrutura racista da sociedade e propõem novas formas de existência e reconhecimento. Nesse sentido, percebemos a importância da crítica cultural para desnaturalizar discursos excludentes e abrir espaços para novas possibilidades de representação.

Assim, vale reconsiderar nossas relações com a arte e adotar uma postura mais atenta, acolhedora e reflexiva diante das produções artísticas, tal qual percebemos em Amistad. A escuta da arte, conforme propõe Fischer (2021), é um caminho para que possamos expandir nossa percepção e compreender a riqueza dos sentidos que emergem das obras, tornando a experiência estética com o cinema e o filme, um espaço e produto

de transformação e diálogo contínuo.

Portanto, reforçamos que, como elemento agregador, este trabalho reconhece o valor do cinema e de uma produção específica desse meio – Amistad. Para além disso, entendemos que suas imagens agregam nosso debate sobre o negro, a mulher negra, a forma como esta vive em uma sociedade que sabe de sua existência, mas insiste em não dar a ela o lugar de igualdade por direito.

6.4 A mulher cientista

Quando refletimos sobre o papel das mulheres dentro dos diversos campos sociais, a exemplo os espaços de produção das ciências, é interessante ponderarmos a respeito das histórias e lutas que foram e ainda são enfrentadas até os dias atuais para a permanência delas dentro dos espaços acadêmicos. O direito de estar dentro em laboratórios, realizando pesquisas científicas, é uma realidade, contudo ainda não somos respeitadas como cientistas. Dados estatísticos evidenciam que somos minoria em tantos territórios de poder, como acadêmicas, sofremos com pressões como o machismo, a falta de políticas públicas de valorização, invisibilidade de nossos trabalhos, ausência de incentivos para a conciliação da maternidade junto dos trabalhos de pesquisa, dentre outros.

Assim, questionamos: será que essa história de como as mulheres se inserem nas ciências já começou? E, se sim, como isto tem ocorrido? Também no que diz respeito ao campo do ensino de ciências e biologia e na formação de professores/as, nosso território de estudo e de constituição acadêmica e profissional, pensamos: de que maneiras essas dimensões têm se perpassado? E é, a partir dessas questões, que mobilizamos as escritas desse ponto do trabalho. Ali Hazelwood (2022), doutora em neurociência cognitiva, retrata em seus livros as histórias de personagens femininas e seus enfrentamentos dentro da academia. Por que será que o trabalho da autora parecer-nos tão corriqueiro e presente em nossa realidade acadêmica onde mulheres são poucas, se negras quase inexistem?

Para além de refletir a situação da mulher enquanto cientista, reconhecemos a importância de falar acerca da mulher professora de ciências. Será que essa professora possui condições dignas de trabalho? Quais são as suas lutas e enfrentamentos para poder estar dentro da sala lecionando? Será essa professora mulher e negra mais assediada que as mulheres brancas em espaços de trabalho educacional? Podemos encontrar algumas reflexões no trabalho Carvalho (2021) intitulado “Marcando passos, a(r)mando lutas: o(s)

feminismo(s) e outras “bio-logias” na compreensão dos gêneros e sexualidades”, no qual ela pontua que

Muitas professoras alegam medos em relação à pressão familiar, à dificuldade de romper com tabus e preconceitos, aos desconhecimentos acerca das lutas de mulheres, LGBTQ+ e da diversidade cultural, além do imperativo dos dogmas morais e religiosos a circunstância, pontos de vista e atividades pedagógicas. (Carvalho, 2021, p. 449)

A história das mulheres foi, nos últimos séculos, invisibilizada ou escrita por homens. Os nossos papéis na sociedade até hoje são determinados pelo patriarcado que domina todos os espaços sociais. Quando não seguimos as regras que nos são impostas pela sociedade, somos perseguidas ou inferiorizadas. A partir do momento que paramos para refletir sobre a história das mulheres negras através dos séculos, podemos observar a necessidade das professoras dentro das escolas. Nisso, Carvalho (2021) faz seguinte reflexão: “todos os dias recobro também minha posição de cientista mulher, bióloga feminista e professora nas searas da educação e das lutas para os gêneros e as sexualidades no Brasil” (p. 428).

Tal pensamento nos convida a avaliar sobre quem é mulher negra enquanto cientista e professora. Somos e vivemos o atual, frutos do que foi plantado no passado e do que tem sido cultivado no presente. Por isso devemos conhecer e compreender a nossa história enquanto sociedade e grupo social. Percebemos a importância de tangenciar este movimento ao reconhecer que um aspecto importante quando consideramos a formação de professores/as de ciência e biologia, é criar nas/os futuras/os docentes um senso analítico, uma visão problematizadora e uma perspectiva transformadora da sociedade.

6.5 Simplesmente mulher em todos os espaços

A partir de Butler (2012), consideremos das mulheres que manipulam os elementos naturais em uma alquimia, às que eram colocadas socioculturalmente fora do controle de seus corpos, em estados rotulados – e construídos – como loucura, migramos os nossos olhares às mulheres cientistas, por se tratar em uma discussão tecida juntamente da formação de professoras/es – e pesquisadoras de ciências e biologia. Retomamos aqui alguns questionamentos já feitos: Quais perspectivas as mulheres recebem ao ocuparem um lugar de *status*, de poder, de prestígio? Na verdade, poderiam elas estarem nestes cargos, nestes espaços, nessas maneiras de se colocar perante a sociedade? Pode uma mulher fugir de marcações estigmatizantes e ocupar a produção do conhecimento?

Quantas mulheres cientistas conhecemos? De que maneiras elas participaram das construções dos saberes científicos? Como se inseriram, mantiveram e sobreviveram a estes espaços historicamente marcados pela presença masculina? É a partir destes questionamentos que focamos a nossa escrita agora, na vida e no trabalho de famosas cientistas. As linhas aqui mobilizadas buscam, então, pensar em como ela foi inspiração a tantas de nós. Foi a partir do século XIX que as mulheres começaram a ter notoriedade dentro das ciências.

Uma dessas mulheres foi Marie Skłodowska-Curie, mais conhecida como Doutora Marie Curie. Ela foi uma das cientistas mais brilhantes da sua época e, atualmente, é considerada a mãe da física moderna. Além de ser uma cientista mulher, ela foi professora. Ao decorrer da sua vida, Curie passou por dificuldades, inclusive suportou situações nas quais não tinha o que comer. Devido aos problemas financeiros de sua família, teve que trabalhar como governanta. Contudo, quando se mudou para Paris, na França, conheceu importantes físicos e começou a frequentar as aulas.

No ano de 1893, Curie ganhou o primeiro lugar no curso de ciências físicas, graças a esse feito começou a trabalhar no laboratório de pesquisa do físico Lippmann. E, em 1895, conheceu seu futuro marido Pierre Curie, juntos fizeram descobertas de grande significado científico sobre os compostos radioativos. O ato lhes rendeu, em 1903, o prêmio Nobel da física, sendo a primeira mulher a recebê-lo e ganhar o reconhecimento mundial de suas pesquisas. Com a morte do marido no ano de 1906, foi nomeada professora na Sorbonne, Universidade de Paris, sendo também a primeira mulher a ocupar um cargo de professora. Por causa das suas pesquisas sobre o elemento químico rádio, ela ganhou seu segundo prêmio, o prêmio Nobel de química, sendo a primeira pessoa do mundo a ganhar dois Nobel em áreas distintas (Redação National Geographic, 2023).

Atualmente o cenário que as mulheres encontram nas ciências ainda é machista e misógino, conforme podemos observar na matéria publicada no Jornal da Unicamp pela autora Liana Coll, e no artigo no Comunica UFU, da autora Diélen Borges. Ambos foram publicados no dia 11 de fevereiro, no Dia das Mulheres e Meninas na Ciência, nos anos de 2020 e 2024, respectivamente. Ambos retratam as realidades vividas por mulheres cientistas e docentes dentro de suas universidades e os desafios que são enfrentados diariamente. Nisso, nota-se que,

[...] a presença corriqueira de mulheres em posições de liderança e autoridade na ciência ajudou a erodir o sentido de rótulos tradicionais de gênero no próprio campo em que trabalhavam, e para todos os que estavam trabalhando nesse campo (Keller, 2006, p. 32).

6.6 A mulher louca

Segundo Foucault (2007), o corpo feminino foi alvo de diversas práticas e discursos disciplinares e padronizadores, muitas vezes sendo forçados a se naturalizar em função da sociedade. Nota-se isso de maneira bastante significativa, analisando sua estruturação e construção em consequência do saber médico. A partir do autor, podemos compreender o surgimento da dominação do corpo feminino no momento histórico denominado de Idade da Repressão no século XVII. Dessa forma, ele afirma que:

[...] a histerização das mulheres, que levou a uma medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade. (Foucault, 2007, p. 136)

Entretanto, desde o século XVII até a atualidade, as mulheres não conseguem se desrotular do título de “louca”. Frequentemente, nós naturalizamos isso quando ouvimos algumas frases, como por exemplo: ‘Amiga, você é louca’, ‘Tá maluca, mulher?’ ou ‘Nossa, ela é tão doida’. A associação desses termos às mulheres acontece de modo muito recorrente na sociedade. Segundo Bordo (1997), podemos realizar uma observação que busca avaliar como as mulheres gastam a maior parte de seu tempo com o embelezamento, disciplinamento e padronização de nossos corpos para sermos aceitas. De tal maneira continua-se reproduzindo ainda um pensamento normalizador dessa mulher, sem investir em sua imagem.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ressaltamos que mulheres negras também enfrentam obstáculos significativos no mercado de trabalho. Reforçando, a discriminação racial e de gênero impede que se alcance os mesmos espaços e oportunidades que colegas brancas. O racismo institucional, que se reflete em práticas como a subvalorização do trabalho, é constrangedor. Outro exemplo vem da falta de acesso a cargos de liderança e a estigmatização em ambientes acadêmicos e profissionais de grande significado, tendo um impacto direto na ascensão e no reconhecimento de mulheres.

Para além do espaço, a violência, seja ela psicológica, física ou simbólica, é uma realidade constante para mulheres negras mais que entre brancas. Elas estão mais expostas à violência doméstica, ao assédio sexual e à violência policial, sendo as principais vítimas

da brutalidade e da criminalização das periferias. Contudo, apesar das imensas dificuldades, as mulheres negras têm sido protagonistas em várias lutas sociais e culturais, desafiando as estruturas opressivas e reivindicando seu lugar de fala, identidade e poder. Movimentos como o feminismo negro, que aborda especificamente as questões que atravessam a experiência das mulheres negras, têm sido essenciais para a construção de uma nova narrativa, mais justa e inclusiva, que permita o reconhecimento de suas lutas e conquistas. Portanto, ser mulher negra é resistir diariamente a um sistema que tenta nos apagar. É enfrentar um mundo que tenta definir nosso corpo, nossa voz e nossas escolhas. Contudo, é também afirmar sua identidade, empoderar-se e transformar, com sua coragem e luta, as realidades que a sociedade tenta impor.

Consideramos que o corpo da mulher negra foi estudado de forma reducionista, sendo muitas vezes associado a estereótipos negativos, como a hipersexualização e a ideia de "exotismo". Essa visão distorcida contribuiu para a objetificação do corpo negro e para a perpetuação de narrativas que desumanizam as mulheres negras, ignorando sua complexidade e individualidade. O campo da saúde, por exemplo, apresenta inúmeras desigualdades quando se trata das mulheres negras. Um atendimento médico que muitas vezes não contempla as necessidades específicas dessa mulher. As taxas de mortalidade materna entre mulheres negras, por exemplo, são significativamente mais altas em comparação com mulheres brancas, refletindo a combinação de fatores como o racismo estrutural, a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade e o preconceito racial dentro do sistema médico.

Ao longo deste trabalho nós falamos das mulheres loucas, bruxas, cientistas, professoras e... o que elas quiserem ser... por perceber que essa é uma discussão necessária à formação de professoras/es de ciências e biologia, colocando em questão tantos discursos e práticas em torno do ser e constituir-se mulher. Temos muitos questionamentos sobre como ser uma mulher, uma pergunta que pode até parecer simples, porém quando pensamos a partir de uma perspectiva problematizadora, passa a ser bastante complexa. Visto que nossas vidas foram sendo tecidas e moldadas antes mesmo de nascermos por nossos antepassados e toda uma sociedade que é marcada pelo patriarcado. Nós mulheres somos e podemos ser hoje mais que já fomos? Já fomos bruxas, loucas, doentes e outros rótulos que ainda precisamos lutar para nos desvincular e ressignificar cotidianamente. Um primeiro passo para esta desconstrução é atuar ressignificando para nós, internamente enquanto mulheres, para compreendermos que não somos aquilo que nos foi imposto por muito tempo. Contudo sem esquecer a

importância e o peso histórico que carregamos, das mulheres que vieram antes de nós e de suas lutas.

Nesse cenário, é necessário pensar como esse conhecimento deve ressoar em nossa atuação enquanto educadoras em ciências e biologia e na formação de professoras/es de ciências e biologia. A partir de debates, indagações e entendimentos – que ganharam corpo. Portanto, este trabalho é, então, uma tentativa de movimentar estes debates na educação e, sobretudo, na formação de professores/as de ciências e biologia, de modo a construir docentes problematizadoras/es perante questões contemporâneas e tantas marcas do passado que insistem em permanecer.

8 REFERÊNCIAS:

BORDO, Susan. 1997. **O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault**. In: Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. (Col. Sujeito e História).

CARVALHO, F. A. de. Marcando passos, a(r)mando lutas: o(s) feminismo(s) e outras “bio-logias” na compreensão dos gêneros e sexualidades. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 427–452, 2021. DOI: 10.46667/renbio.v14i1.480.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Sexos, sexualidades e gêneros: uma contribuição das teorizações feministas para a discussão dos limites das explicações e categorizações biológicas. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 223–242, 2020. DOI: 10.46667/renbio.v13i1.313.

COLL, Liana, **Mulheres na Ciência: professoras falam sobre os desafios por maior representatividade**, Unicamp, disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2020/02/11/mulheres-na-ciencia-professoras-falam-sobre-os-desafios-por-maior>>. acesso em: 1 maio 2024.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. 2017. Trad. Coletivo Sycorax.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197–223, 2001.

FISCHER, R. M. B. Por uma escuta da arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 01–23, 2021. Disponível : <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/100045>. Acesso em: 6 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2011

- . FOUCAULT, M. **Dizer a verdade sobre si**. São Paulo: UBU editora, 2022.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- HALL, S. Da **Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- HAZELWOOD, A. **A hipótese do amor**, [s.l.]: Arqueiro, 2022.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**. 2017. Trad. Coletivo Sycorax.
- KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 13–34, dez. 2006.
- REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, **Ela passou fome, foi a primeira mulher a ganhar o Nobel e é considerada a mãe da física moderna**, National Geographic, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/09/ela-passou-fome-foi-a-primeira-mulher-a-ganhar-o-nobel-e-e-considerada-a-mae-da-fisica-moderna>. acesso em: 1 maio 2024.
- SANTOS, W. B. **Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária**. São Paulo: Editora Intermeios. 2016.
- SANTOS, W. B.; MOTA M. C. C.; CASTEJON, M.; OLIVEIRA, A. D. **Mulher encarcerada: a dor inerente da condição feminina**. Uberlândia: Editora Intermeios, 2023.
- RUSSELL, J. B.; BROOKS, A. **História da Bruxaria**. São Paulo: Editora Aleph, 2008